

Editorial

“Samba, football and... genomics”

Foi assim que *The Economist*, prestigiada revista inglesa, se referiu ao Brasil em artigo publicado em julho de 2.000, após a divulgação do pioneiro seqüenciamento do genoma da *Xylella fastidiosa*, um patógeno que atingiu os nossos laranjais. Poucos dias depois outro grande sucesso na área da genômica foi anunciado pelos pesquisadores brasileiros: a composição, nos seres humanos, dos 279.000 *expressed-sequence tags* (EST), pequenas peças de DNA que permitem aos genes se localizarem ao longo dos cromossomos. Evidentemente, nada poderia ter sido realizado sem o trabalho de jovens estudantes, inúmeros cientistas em diversos laboratórios e com o apoio decidido de instituições públicas e privadas. O significado é enorme: podemos competir – em igualdade de condições – também no campo da ciência.

É importante enfatizar que no terreno da saúde o esforço dos nossos pesquisadores é notável. Há, atualmente, de acordo com o CNPq, em torno de 20.000 pesquisadores reunidos em 5.000 grupos que produzem estudos relacionados à saúde humana e 27% dos recursos brasileiros aplicados em ciência são utilizados na área da saúde. Nossa produção científica publicada em revistas internacionais de bom padrão aumentou dos humildantes 0,4% no início da década de 1990 para 1,5% em 2002. Multiplicar por três o número de publicações internacionais em apenas uma década não é uma tarefa fácil, mas serve para demonstrar o desempenho dos nossos cientistas e dos nossos programas de pós-graduação. Há alguns anos o Brasil vive um fenômeno demográfico conhecido como “onda jovem”, que significa o alargamento da faixa etária dos 15 aos 24 anos e que, segundo o IBGE, representa atualmente cerca de 35 milhões de indivíduos. Estima-se que até 2005, na América Latina, os jovens devem ultrapassar 100 milhões, indicando a necessidade de um planejamento especial, com referência a políticas públicas voltadas para a educação. A 2.^a Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde, convocada pelos Ministérios da Saúde, da Educação e da Ciência e Tecnologia, que ocorreu recentemente em Brasília, se constituiu em momento da maior importância ao apontar para os educadores, pesquisadores e centenas de delegados as prioridades para as pesquisas em nosso país. É a saúde sendo, afinal, encarada como um fator de desenvolvimento e não mais como sua conseqüência; é a saúde sendo, afinal, considerada investimento com reconhecido impacto em várias áreas, e não mais uma incômoda fonte de despesa sempre reclamada para (des)necessários ajustes.

Para fazer frente aos novos horizontes, temos de refletir sobre os profissionais que precisamos formar. E nesse particular devemos enfrentar enormes desafios: a expansão desordenada de novas Faculdades de Medicina, o desequilíbrio geográfico na distribuição dos profissionais, o número reduzido de Residência para os Programas de Saúde da Família, os baixos salários para os profissionais, entre muitos outros problemas que exigem soluções.

Por outro lado, finalmente, a lista de feitos pelos quais o Brasil vem se tornando conhecido e respeitado no cenário internacional vai agora bem além do samba e do futebol e inclui algo aparentemente tão fora do alcance de países em desenvolvimento: a genômica!!! A recente aprovação pela Comissão de Educação do Senado de substitutivo ao projeto de lei da biossegurança, que permite a pesquisa com células-tronco embrionárias, pode ser mais uma vitória para a ciência brasileira. Nunca é demais lembrar que “os homens não teriam alcançado o possível se repetidas vezes não tivessem tentado o impossível”.

DRA. THEMIS REVERBEL DA SILVEIRA
Editora da Revista da AMRIGS